

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE JURGEN HABERMAS PARA A INSERÇÃO DAS TICS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: notas de leituras

Paula Bianchi

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na sociedade contemporânea, é inegável a íntima presença das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na vida das pessoas. A relação com os aparatos tecnológicos e midiáticos se intensificou nas últimas décadas e as suas implicações têm provocado alterações nas mais diferentes esferas da vida humana, inclusive no campo educacional. Atualmente, as TICs não são apenas suportes que usamos para transferir ou armazenar informações, seu papel vai além, repercutindo na própria concepção de ser humano e de sociedade, conforme aponta Porto (2012) “[...] elas interferem no modo de pensar, sentir e agir das pessoas. O modo como os sujeitos se relacionam socialmente e adquirem conhecimento hoje em dia tem a ver com as tecnologias de que eles dispõem em sua vida” (p. 191).

Assim, está correto afirmar que o avanço tecnológico, o aumento da circulação de informações, do consumo da mídia e de tecnologias digitais, bem como as diferentes formas de interação com essa maquinaria interferem nos modos de construção, apropriação e compartilhamento dos saberes e geram novas demandas para a educação, entre elas, a abordagem sobre a temática das TICs na formação dos futuros profissionais da educação, torna-se algo indispensável, tendo em vista a necessidade de que os futuros professores desenvolvam condições para ler, escrever e produzir criticamente no âmbito das TICs, tendo em vista que educar na perspectiva das TICs é educar para a cidadania e atuação participativa no mundo.

Nesse sentido, uma questão sempre presente em nossas reflexões consiste em buscar outro entendimento para a integração das TICs à formação educacional, em todos os níveis de escolarização, diferente daquele sentido amplamente empregado pelas instituições políticas e econômicas, carregado de racionalidade técnica, que restringe a capacidade de pensar e agir dos seres humanos a um ser-fazer instrumental. Ao contrário disso, procuramos construir formas de interagir com as tecnologias que superem o agir instrumental a partir dos novos modos de se relacionar e de se comunicar, mais dialógicos e criativos, oferecidos pelas TICs,

visando promover a formação e a autoformação crítica dos futuros professores nesse contexto. Para isso nos aproximamos do pensamento de Jürgen Habermas, na busca por contribuições para os estudos sobre a integração crítica das TICs na educação superior.

Sobre o teórico que embasa nossa reflexão, se trata de um grande filósofo alemão da contemporaneidade, considerado um herdeiro da Escola de Frankfurt, que por meio da sua teoria social crítica, analisa vários problemas da sociedade atual, incluindo o campo político, filosófico, econômico, social e cultural. Habermas, a partir da crítica à racionalidade técnica e à ideologia tecnocrática, questiona as formas como a sociedade se relaciona com a técnica e com a tecnologia, quase sempre numa dimensão instrumental e acrítica.

Tais modos hegemônicos de compreender as tecnologias e de se relacionar com estes artefatos técnicos, também estão presentes nas instituições educacionais, ao integrarem as TICs aos currículos e à prática pedagógica dos professores, vinculada a sua dimensão instrumental, ou seja, como tecnologia educacional. Para Habermas (citado por BOUFLEUER, p. 14, 2001), “não houve apenas um avanço da razão instrumental sobre âmbitos indevidos, mas uma assimilação dessa como única forma de racionalidade possível.”. A presença marcante da racionalidade técnica nos espaços formativos educacionais acaba limitando o surgimento de propostas de letramento digital, de caráter crítico-reflexivo e colaborativo, como a mídia-educação (FANTIN, 2006, 2012).

Portanto, buscamos nesse ensaio, estabelecer aproximações entre o pensamento de Jürgen Habermas e a mídia-educação, como meio para a formação de professores reflexivos, esclarecidos e autônomos na cultura digital e diante das TICs.

PRIMEIRA FASE DO PENSAMENTO DE JÜRGEN HABERMAS: considerações entre conhecimento e interesse

De acordo com as primeiras reflexões tecidas por Jürgen Habermas, conhecimento e interesse estão imbricados, sendo que o modo como concebemos as coisas/objetos, as pessoas e o mundo, mantém uma relação direta com a forma como nos relacionamos no e com o mundo e sobre o modo como produzimos o conhecimento.

Segundo Siebeneichler (2003), por volta dos anos 60, surgem os escritos de Habermas sobre a temática “conhecimento e interesse”, sendo que o que o motivou a estudar as relações entre conhecimento e interesse foi a sua busca por uma teoria crítica capaz de explicar

comunicações sistematicamente distorcidas e de criticar os dogmatismos como o objetivismo, positivismo, decisionismo, entre outros.

Habermas buscou destacar que a ciência pode apresentar caráter dialético, buscando dialogar com os fundamentos teóricos e a vida prática/cotidiana, sendo que o interesse é considerado o condutor da produção do conhecimento. Segundo o filósofo alemão, a atividade do homem em relação a natureza apresenta, por um lado, uma vontade/desejo de dominar o meio ambiente, por meio de técnicas para finalidade de trabalho e para ter melhores condições de vida (mais conforto); por outro lado, a relação do homem com a natureza também é social e comunicativa, necessitando da linguagem como forma de mediação. Assim, estes dois modos de ação humana estão ligados a dois meios de interação: trabalho e linguagem.

Porém, a partir de um amplo processo de racionalização da vida oriunda da racionalização da técnica e da ciência, ocorre por parte das ciências naturais, uma tentativa de rompimento entre conhecimento e interesse, visando a construção de um saber neutro, destituído de qualquer relação com a intencionalidade ou subjetividade – buscou-se a neutralidade na ciência e a pura descrição das coisas/fenômenos e a isso se caracterizou chamar “método científico”¹.

Sobre esse processo de desenvolvimento técnico e científico, que se sustenta a partir da razão instrumental/da racionalidade técnica que a tudo explica com base em regras e normas, Habermas diz que:

As ciências analítico-empíricas produzem recomendações técnicas, mas não são capazes de dar respostas a questões práticas [...] no lugar de uma emancipação através do conhecimento entra em cena a instrução de como dominar processos objetivos e objetivizados. A teoria eficiente na sociedade não é mais endereçada à consciência de homens que vivem juntos e falam entre si, mas ao seu comportamento observável [...] (HABERMAS, 1963 apud SIEBENEICHLER, 2003, p. 71-72)

Com base nesse cenário, Habermas distingue dois tipos de ação social coexistindo no mundo: o primeiro, refere-se ao *agir instrumental* – que rege-se por regras e técnicas, que buscam a dominação/controle da natureza através do emprego de tecnologias, baseado em referenciais das ciências naturais (saber empírico-analítico); o segundo, chamado de *agir comunicativo*, é motivado pelo entendimento e pela interação recíproca/dialética entre os participantes do discurso, com base nos pressupostos da teoria da razão comunicativa e da ciências sociais.

¹ Sabemos que não podemos falar em neutralidade da ciência, pois sempre haverá algum tipo de interesse conduzindo a produção de conhecimento como mostrou Habermas. Além disso, a escolha por um modelo neutro de ciência já seria portadora de um interesse.

Logo, estes dois tipos de ação, corresponderiam dois tipos de interesses inerentes à espécie humana: o *interesse técnico* de dominar a natureza para fins instrumentais (para o trabalho) e de dela dispor, prevendo-a, controlando-a e até a recriando artificialmente, para conseguir dela um maior rendimento, com menor disponibilidade de meios (como o fazem a ciência experimental e a tecnologia) – ligado, portanto, ao agir instrumental e a racionalidade técnica; e o *interesse prático ou interesse comunicativo* – entendimento dos homens entre si através da sua existência, sobre a posição que ocupam na sociedade e na história, não contribuindo para transformação das desigualdades sociais impostas por fatores culturais, políticos e econômicos. A tradição cultural, segundo Habermas pode ser questionada a partir da reflexão crítica, buscando evitar a perpetuação de preconceitos ingênuos.

Ao acreditar no compromisso prático e ético da pesquisa e da ciência, na relação dialética entre teoria e prática, Habermas propõe como forma de superar qualquer tipo de coação, de dominação seja externa, pessoal ou social, outro tipo de interesse: o *emancipatório*, que segundo o autor antecede qualquer interesse humano, tendo como características a comunicação por meio da linguagem, a ação guiada para o entendimento racional (razão comunicativa) e a busca pela experiência da reflexão e auto-reflexão constantemente. Segundo Habermas, a reflexão crítica é emancipatória quando contribui para desvendar os sentidos ocultos da comunicação, bem como aquilo que está distorcido. Dessa forma, é possível compreender que o agir comunicativo baseado no interesse emancipatório leva a reflexão crítica dos erros cometidos por um sujeito ou pela sociedade, ao tensionamento de normas e regras, das distorções dos discursos, que através da argumentação, da perspectiva da racionalidade comunicativa são analisados e avaliados, podendo ser revistos e transformados, conduzindo a libertação das formas históricas de dominação do homem e da natureza.

Compreendemos que a capacidade de analisar, avaliar e interpretar criticamente sobre os fatos e eventos, a partir da fala como ação guiada para o entendimento/consenso sob os pressupostos da razão comunicativa, consiste no que Habermas chamou de reflexão crítica que é fio condutor para o esclarecimento. Assim, pode-se considerar que a educação enquanto processo de formação humana tem papel fundamental no que se refere a preparação para agir com autonomia e crítica na sociedade atual – cada vez mais veloz, mais tecnificada... Ao concordar com a concepção formulada por Habermas - teoria do agir comunicativo para ler, compreender e agir no mundo como forma de superação de ideologias dominantes e de buscar outros modos de relacionar com a natureza/meio ambiente entendemos fundamental a educação e aos processos de mediação cultural fazerem uso da tese-metodologia de validação

de argumentos, de um agir comunicativo propostos por Habermas, numa perspectiva que busca o entendimento através do diálogo consistente como meio de educação crítica e emancipatória.

O projeto habermasiano buscou elaborar uma teoria da racionalidade que contemple, além do elemento cognitivo-instrumental, o elemento prático-moral e o elemento estético-expressivo.

Nesse sentido, concepções e ações centradas na racionalidade instrumental, vai gerar, na sua maioria, uma interação com o mundo e entre as pessoas, mediada pelo agir instrumental e produzir conhecimento na perspectiva da ciência positivista, empirista. Neste caso, ao inserir as TICs na formação profissional dos professores, estamos buscando ir além da sua apropriação baseada na lógica instrumental, defendemos uma educação crítica e colaborativa diante das TICs seja como ferramenta, como objeto de estudo e como meio de produção crítica e criativa, situada dentro de um modelo de racionalidade comunicativa.

FUNDAMENTAÇÃO SOBRE A TEORIA DA RAZÃO COMUNICATIVA E O AGIR COMUNICATIVO: para a superação da racionalidade técnica

Ao entrar em contato com a obra teórica de Habermas, passamos a conhecer e conviver com alguns conceitos que permeiam seu pensamento e são recorrentes em sua fala. Entre as expressões utilizadas pelo intelectual alemão, destacamos: racionalidade comunicativa, agir comunicativo, agir instrumental, mundo da vida, sistema (colonização do mundo da vida), racionalidade instrumental, esclarecimento, ação guiada para o entendimento, consenso, argumento/discurso, linguagem e interesse emancipatório. Além disso, o autor estabelece uma análise crítica da relação entre técnica e ciência como forma de poder ideológico na sociedade atual, buscando a partir da teoria da razão comunicativa compreender as relações existentes entre elas e superá-las, no caminho da autonomia e da formação crítica.

A partir das expressões destacadas acima, é possível perceber que a linguagem/comunicação é o ponto de partida para pensar numa outra forma de razão, de compreender o mundo e de estar nele. Habermas defende a razão comunicativa como um caminho (meio) para compreender o mundo através do diálogo e da comunicação como processos que buscam o entendimento entre os seres humanos. Segundo Aragão (2006), a escolha por uma razão comunicativa se justifica por algumas questões, entre as quais, a de que:

A linguagem enquanto expressão de nossas representações e pensamentos, permite-nos perceber qual a estrutura dos mesmos, ou seja, descobrir certas estruturas de racionalidade que nela se manifestam – daí poder-se afirmar a existência de uma razão comunicativa. (p.21)

Ao buscar uma nova forma de razão (qualitativa – não dominadora), Habermas acredita que a razão instrumental, baseada nas ciências empírico-analítica não permite conhecer o mundo na sua plenitude, não consideram as relações culturais ou aquilo que o filósofo chama de mundo da vida/mundo vital² (aquilo que está às nossas costas – nosso celeiro de experiências de vida, que nos constituem sujeitos diferentes e pertencentes a cultura), sendo necessário propor outra forma de razão, de compreensão do mundo, a partir do diálogo (linguagem), da análise interdisciplinar e da relação crítica e dialética com a sociedade, propondo uma nova forma de ser e estar no mundo (uma nova razão), que supere a relação de dominação da natureza e de alienação da consciência.

De acordo com esse referencial teórico, a linguagem é considerada o principal meio de diálogo entre o homem e o mundo seja este objetivo/racional, social (das relações interpessoais, da cultura) ou subjetivo (da emoção, do pensamento). Além disso, Habermas considera que é por meio da linguagem³ que estabelecemos com o outro que nos reconhecemos enquanto sujeitos históricos, como destaca Lucia Maria Aragão (2006) “[...] se pode afirmar que a linguagem é o verdadeiro traço distintivo do ser humano, pois lhe atribui a capacidade de tornar-se um ser social e cultural, fornecendo-lhe uma identidade e possibilitando-lhe partilhar estruturas de consciência coletiva” (p.21).

Ou seja, para Habermas a linguagem assume uma dimensão muito maior do que apenas envolver-se com a análise semântica (linguística), mas considera que todo ato de fala se constitui numa busca pelo diálogo e pelo entendimento/consenso racional, podendo ser revisto/reinterpretado/discutido a cada momento, pois o diálogo não se esgota, sendo passível de crítica; portanto, recriado, aperfeiçoado sempre que se descobrem erros, de acordo com os participantes, interesses e formas de participação⁴.

² O mundo da vida pode ser caracterizado como um conjunto de conhecimentos intuitivos, pré-teórico, que está presente no agir comunicativo dos seres humanos e os auxilia a compreender os três mundos (objetivo, social e subjetivo) defendidos por Habermas. O mundo da vida constitui aquilo que faz parte da cultura, da esfera social, das características pessoais, dos bens de consumo, sendo o que a ciência positivista chama de senso comum e não lhe atribui importância/sentido.

³ Segundo Habermas a linguagem, juntamente com a família e o trabalho consistem nos principais meios de construção identitária dos seres humanos.

⁴ Aqui, é importante dizer que para se chegar a um consenso através da comunicação/linguagem é necessário condições igualitárias entre os participantes do discurso, envolvendo domínio da linguagem, saber utilizá-la em diferentes contextos, conseguir se movimentar/agir dentro da linguagem utilizada. Além disso, a forma de interação também é importante, tendo em vista que pode envolver uma performance ativa/atuar no discurso ou apenas como ouvinte, sem interferências.

Diante disso, percebemos que o interesse de Habermas pela linguagem e pela comunicação se dá porque a considera um processo de transformação social do homem, pois, à medida que os seres humanos conhecem e aprendem sobre as diferentes formas de linguagens, que sabem empregá-las em situações diversas, que compreendem as suas práticas sociais e conseguem se movimentar dentro das múltiplas linguagens, por meio da reflexão crítica e livre de dominação, ocorre uma transformação nas relações pessoais, na produção do trabalho e no modo de compreender o mundo. Com isso, podemos perceber a importância da mídia-educação como um meio que possa auxiliar as pessoas a adquirir habilidades necessárias para estabelecer uma relação dialética com as TICs, não apenas no que se refere ao consumo crítico de informações, mas no caminho da produção crítica de conteúdos, conduzindo aos pressupostos de emancipação e esclarecimento propostos por Habermas.

Para Habermas, segundo Aragão (2006), a relevância da linguagem, sob a perspectiva da teoria da ação comunicativa, do ponto de vista pragmático, acontece quando possibilita aos participantes do discurso estabelecer relações dialéticas com o mundo. E ao fazerem isso, por meio de uma outra racionalidade, a comunicativa – podem alcançar ao entendimento por meio de uma maneira reflexiva/tomada de consciência.

A partir da formulação da teoria do agir comunicativo, Habermas não se detém a explicar/esclarecer a relação sujeito-objeto, homem-controle da natureza, comum nas ciências naturais (positivistas), mas busca focar sua análise sobre “as estruturas universais da ação orientada para o entendimento” (ARAGÃO, 2006, p. 131), enfatizando assim a linguagem, como processo social, na qual os sujeitos exprimem o seu conhecimento do mundo através de proposições, mas, ao mesmo tempo, estabelecem relações entre si, visando a coordenação das ações através de um entendimento racional. Assim, percebemos que a busca por uma racionalidade da ação comunicativa passa a ser o foco da reflexão de Habermas.

Tal relação entre linguagem e agir comunicativo e razão pode ser observado na citação de Siebeneichler, ao afirmar que:

A teoria do agir comunicativo pretende demonstrar, em síntese, que as estruturas simbólicas do mundo da vida são reproduzidas normalmente e sem estorvos, através do agir comunicativo, que é uma forma de interação coordenada pela linguagem. Porque na linguagem esta embutida a razão comunicativa em forma de pretensão de validade e, com ela a capacidade dos participantes da interação em produzir um consenso fundamentado argumentativamente, o qual irá motivar a sua ação (2003, p.153).

Nesse contexto, a razão comunicativa, também chamada de teoria da racionalidade comunicativa, está ligada a uma prática de argumentação porque esta permite continuar a ação comunicativa quando há desacordo e as práticas comunicativas rotineiras não permitem

chegar a um consenso. A argumentação desempenha papel importante no processo de aprendizagem: ao argumentar/comunicar cada pessoa coloca em prática seus conhecimentos, ideias, convicções. A força de um argumento é medida de capacidade de convencer ou não os participantes num discurso. A partir disso, argumentações/teses podem ser testadas e aperfeiçoadas. A teoria argumentativa é reflexiva, provoca a transformação de opiniões em argumentos/conhecimentos, desenvolve o pensamento argumentativo e é através dela (da razão comunicativa, dos argumentos formulados) que se chega ao entendimento/consenso racional.

Dessa forma, segundo Habermas, quanto maior a capacidade de solidez dos argumentos apresentados/proferidos, quanto maior a capacidade de argumentação, de compreensão do funcionamento das engrenagens do mundo e de ação voltada para o entendimento que uma sociedade apresentar, maior será seu nível de progresso, dado através do alto nível de reflexão e da capacidade de estabelecer com o mundo (e com os objetos que pertencem ao mundo) onde vive uma relação crítica e dialética. Sobre isso, apresentamos uma citação do próprio Habermas,

Não são, entretanto, novas tecnologias que demarcam o caminho do progresso de uma formação social nas etapas progressivas de reflexão; por seu intermédio se suprime o caráter dogmático de formas de dominação e de ideologias superadas, a pressão do quadro institucional é sublimada e o agir próprio à comunicação libera-se como (um) agir que promove a comunicação propriamente dita. Com isso antecipa-se o objetivo de tal dinâmica, a saber: a organização da sociedade exclusivamente sobre a base de uma discussão livre de qualquer forma de dominação repressiva (HABERMAS, 1982, p. 70 *apud* ARAGÃO, 2006, p. 55).

Com isso, podemos perceber que o desenvolvimento de mais tecnologias, bem como a modernização tecnológica não significa que teremos mais desenvolvimento social equilibrado ou estímulo ao pensamento crítico, isso só ocorre quando se procura uma relação dialética com os recursos técnicos/tecnológicos.

Segundo Jürgen Habermas, a razão comunicativa e agir comunicativo devem ser analisados e compreendidos conjuntamente. Durante a sua exposição de ideias, o autor os analisa da seguinte maneira:

[...] através de características essenciais do processo comunicativo como um todo, sendo que razão comunicativa pode ser tomada como sinônimo de agir comunicativo, porque a mesma constitui o entendimento racional a ser estabelecido entre falantes de um processo de comunicação, que se dá sempre através da linguagem, os quais devem estar voltados a compreensão de fatos do mundo objetivo, de normas e de instituições sociais ou da própria subjetividade (SIEBENEICHLER, 2003, p. 67)

Assim, a teoria do agir comunicativo objetiva identificar possibilidade de interpretar os mecanismos de modernização, de desenvolvimento técnico e científico da sociedade atual em categoria de uma teoria da racionalidade comunicativa.

RACIONALIDADE TÉCNICA E RACIONALIDADE COMUNICATIVA: crítica ao sistema tecnocrático

A força libertadora da reflexão não pode ser substituída pela difusão de um saber tecnicamente utilizável (HABERMAS, 2011, p. 106).

Ao reconhecer que a sociedade havia se modificado profundamente devido ao alastramento do desenvolvimento tecnológico, da ciência empírico-analítica e do capitalismo. Ao perceber que o modo de pensar e agir ligado a uma racionalidade técnica/instrumental/calculista servia como pano de fundo para este panorama social-cultural, político-econômico e educacional, Habermas retoma a discussão em torno da problemática “técnica, tecnologia e poder” a partir das ideias de Herbert Marcuse e de membros da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Max Horkheimer, contudo buscando a partir da sua teoria social crítica – do agir comunicativo, superar a visão pessimista diante da tecnologia, adotada por seus antecessores e estabelecer uma relação crítica e dialética com a tecnologia.

Em sua obra, Habermas analisa e reflete a respeito do predomínio da racionalidade técnica/instrumental na ciência e na sociedade, sendo que na publicação denominada “Técnica e Ciência como ideologia”, impressa pela 1ª vez em 1968, o autor dedica-se, exclusivamente à temática, dialogando com as ideias de Herbert Marcuse, especialmente sobre a sua tese de que a “força libertadora da tecnologia - a instrumentalização das coisas – transforma-se em travão para a libertação, torna-se instrumentalização do homem.” (HABERMAS, 2011, p. 9).

Nesse sentido, Marcuse chama a atenção para a penetração em todas as esferas da vida em sociedade, especialmente, no estado político, do modo de pensar racional instrumental, dotado de visão tecnocrata de sociedade/de ser humano:

A ciência em virtude do seu próprio método e dos seus conceitos, projetou e fomentou um universo no qual a dominação da natureza se vinculou com a dominação dos homens – vínculo que tende a afetar fatalmente o universo como um todo [...] (MARCUSE, 1967, p.180 apud HABERMAS, 2011, p. 50).

Para Habermas, a racionalização da vida através da dominação da natureza, por meio de técnicas que buscam investigar, extrair e recriar a natureza, da ciência positivista, dita “neutra” e do progresso técnico-científico cada vez mais mecanicista resulta de uma forma de pensar baseada na racionalidade técnica (que apresenta como premissas a industrialização do

trabalho, o aumento dos lucros e a manutenção do poder detido por uma parcela mínima da sociedade). Neste caso, Habermas propõe que ao invés de nos limitar a trabalhar a natureza/a vida, de dominá-la por meio do trabalho (de técnicas extrativistas), podemos nos comunicar com ela, estabelecendo outra relação, uma forma alternativa, mais sustentável, de retirar da natureza nossa sobrevivência e conforto.

A partir disso, fica evidente, através das leituras o apelo para uma formação educacional-cultural da sociedade capaz de esclarecer sobre os discursos ideológicos e dogmáticos, distorcidos (como fala o próprio Habermas) em circulação, especialmente diante da predominância da racionalidade técnica/instrumental. Esta formação tão almejada só é possível quando substituímos a razão instrumental pela razão comunicativa.

Ao longo dos seus escritos, Habermas apoiado em outros autores enfatiza que precisamos estar atentos e preparados para não cair no reducionismo da razão à racionalidade técnica e de uma redução da sociedade ao controle técnico, esquecendo-nos de considerar o mundo vivido/da vida (aquilo que faz sentido para nós, mas que não se mostra objetivamente). Para ratificar seu pensamento, apresenta um trecho das ideias de Helmut Schelsky, no qual destaca que devemos ter cuidado com o processo de tecnificação do mundo:

Com a civilização científica que o homem leva a cabo de um mundo planificado, surge uma nova ameaça, o perigo de que o homem se explicita só mediante ações externas que transformam o mundo – as tecnologias e fixe e trate tudo, aos outros homens e a si mesmo, nesta esfera objetiva da ação construtiva. Esta nova auto-alienação do homem, que lhe pode roubar a sua própria identidade e a do outro... é o perigo de que o criador se perca na sua obra e o construtor na sua construção. O homem afadiga-se sem tréguas por transcender-se na objetividade autoproduzida, no seu ser construído e trabalha incessantemente no desenvolvimento deste processo da auto-objetivação científica (SCHELKY, Hamburgo, 1963, p. 229 apud HABERMAS, 2011)

Em meio a esse contexto, surge uma discussão a respeito do sentido da técnica e da tecnologia em nossa sociedade, a posição que ocupam e o que representam. Sobre isso, Habermas destaca um trecho do livro *O homem unidimensional* (1968, p. 168), de Herbert Marcuse, que diz:

o a priori tecnológico é um *a priori* político na medida em que a transformação da natureza tem como consequência a do homem, e em que as criações derivadas do homem brotam de uma totalidade social e a ela retornam. Pode, no entanto, insistir-se em que uma maquinaria tecnológica enquanto tal é indiferente perante os fins políticos – podem servir como acelerador ou freio de uma sociedade. Uma calculadora eletrônica pode servir tanto a um regime capitalista como a um regime socialista [...] No entanto, se a técnica se transforma na forma englobante da produção material, define então uma cultura inteira e projeta uma totalidade histórica – ‘um mundo’ (apud HABERMAS, 2011, p. 54-55)

Para Marcuse, técnica e tecnologia podem ser entendidas sob dois pontos: um deles procura mostrar que as tecnologias são dotadas de intencionalidade e que não há neutralidade nelas e que na maior parte, a ideologia tecnológica vem reforçar o método científico positivista. Por exemplo, a televisão nos diz o que é certo e o que é errado, ao mesmo tempo, que recria a realidade através da sua tela. Com isso, já não precisamos refletir sobre as coisas nem sair de casa para conhecer a realidade porque a televisão nos fornece a explicação prontinha (uma explicação cheia de ideologia tecnocrata). Ou seja, cada vez mais, a TV pensa por cada um de nós.

Outro entendimento refere-se a técnica, que segundo Marcuse é algo neutro, podendo servir para promover o autoritarismo ou a liberdade. Contudo, para Marcuse, o mais importante não é apenas a discussão sobre a técnica ou a tecnologia isoladamente, mas na racionalidade tecnológica, que permeia tanto uma quanto outra e que atualmente está presente em todas as esferas da sociedade, ditando as formas de vida.

Habermas vai concordar com Marcuse ao afirmar que a tecnologia é parte de um projeto político e social, portanto intencional, sendo que um projeto técnico/tecnológico contém sempre um tipo interesse que pode ser de dominação ou de libertação/emancipatório. No entanto, o autor destaca que as experiências com as tecnologias e seus artefatos são sempre ambivalentes, sendo que o fato de uma tecnologia ter sido criada para uma determinada finalidade, como por exemplo a internet, que foi desenvolvida com fins militares, não impede que seja transformada por meio dos usos sociais que fazem dela e assuma novos significados e propósitos, com base no interesse emancipatório.

Sobre isso, compreendemos que, segundo Habermas, se mantivermos com as tecnologias uma relação despolitizada, acrítica, estaremos apenas reproduzindo a racionalidade técnica e científica presente nas tecnologias. Por outro lado, se conseguirmos estabelecer uma relação dialética e crítica com as tecnologias, estas ganharão outros sentidos. Daí, entendemos a importância de propostas como a mídia-educação, que inspirada nos ideais da teoria habermasiana, da ação comunicativa, busca preparar o homem para o diálogo reflexivo e produtivo/criativo com as tecnologias.

Outra autora que buscou refletir sobre técnica e tecnologia é Isabel Loureiro (2003), que em seu texto “Breves notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à tecnologia” apresenta um quadro conceitual sobre a temática procurando contribuir/ampliar o pensamento do autor, que segundo Isabel parece contraditório e ambíguo em alguns momentos, por exemplo, quando tenta definir as expressões técnica e tecnologia. Para a autora, a técnica é neutra e faz parte de um sistema técnico (não neutro), este sistema por sua vez também pode ser chamado de

tecnologia, e a medida que uma técnica faz parte de um sistema técnico (tecnologia), pode não ser neutra.

Refletindo sobre isso, observamos que mesmo divergindo em alguns aspectos, tanto Marcuse quanto Habermas não acredita numa sociedade sem a presença de técnicas e das tecnologias, numa volta às coisas simples e numa vida na floresta. O ser humano se modificou e sabemos que o avanço tecnológico teve grande contribuição nisso (para o bem e para o mal...). Como superação dos conflitos provocados por este modo de fazer ciência e tecnologias, Marcuse acredita na hipótese da substituição do sistema técnico/tecnologia capitalista por outro menos alienante, enquanto Habermas trabalha na tese que propõe uma outra forma de compreender o mundo, através da razão comunicativo/teoria do agir comunicativo.

A partir das leituras, compartilhamos da ideia de que é impossível conceber a sociedade contemporânea sem a presença de tecnologias, especialmente as de informação e comunicação. Consideramos que criar formas mais dialéticas e críticas de interagir com as tecnologias seja uma das alternativas para superar a dominação tecnológica e a racionalidade instrumental. Além disso, é fundamental conhecer as suas linguagens, compreender as formas de produção de conteúdos a partir dos meios de comunicação/tecnológicos, conhecer suas práticas sociais para alcançar essa relação dialética. Buscar formas de mediação e de apropriação crítica e reflexiva dos meios tecnológicos é um dos caminhos para que possamos formar sujeitos mais conscientes. Outro autor que defende a educação como possibilidade para o esclarecimento no contexto das tecnologias é Belarmino Cesar Guimarães da Costa (2003). O mesmo afirma que “uma condição educativa para o uso social dos meios de comunicação passa pela possibilidade de tornar conscientes os mecanismos de condicionamento da sensibilidade humana à racionalidade dominadora.” (p.127). Ou seja, a simples negação dos meios e da tecnologia não resulta em atitudes, em posturas mais críticas ou dialéticas.

A crítica negativista/pessimista a respeito das tecnologias foi importante para criar um contraponto ao que estava acontecendo, ao processo de racionalização e identificar como a mesma age/penetra na sociedade. Porém, Habermas através da sua teoria da razão comunicativa vai além, buscando superar essa relação pessimista sem perder de vista a crítica feita às tecnologias e sua ideologia. O filósofo alemão procura criar possibilidades de diálogo com as tecnologias, dialéticas e crítico-reflexivas, através de experiências teóricas e práticas, que estejam voltadas ao compromisso social e ético da pesquisa e da ciência.

RELAÇÕES TÉCNICA/TECNOLOGIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: a título de considerações finais

Ao compreendermos as instituições formadoras, entre elas a universidade, como lugares privilegiados e insubstituíveis para a reprodução e produção da cultura, para a construção do conhecimento e para a socialização dos seres humanos percebemos, nesses espaços, possibilidades de problematizar as antigas fórmulas de compreensão e interação dos seres humanos com o mundo e suas coisas, fórmulas baseadas no agir instrumental e na racionalidade técnica. Na busca por um modelo de superação da lógica hegemônica na educação e especialmente no trato com as TICs, nos interessamos e aproximamos das leituras de Jürgen Habermas, que fundamenta a teoria da razão comunicativa, a qual analisa sob a crítica racional elementos do mundo objetivo, social e intersubjetivo.

Quanto às contribuições da teoria formulada por Jürgen Habermas para os estudos que tratam sobre a integração e apropriação das TICs na formação de professores, podemos destacar a importância da formação voltada ao esclarecimento e para a autonomia e a perspectiva de superação dos modos tradicionais de interação com os meios tecnológicos na educação, concebidos, majoritariamente, a partir do viés instrumental. Nesse sentido, experiências de mídia-educação se mostram importantes meios teórico-metodológicos que instituições de ensino e professores podem requerer como possibilidade pedagógica para o esclarecimento e emancipação no trato com as TICs, seja na perspectiva da ferramenta pedagógica, mas, sobretudo, buscando construir experiências que enfatizem o caráter crítico e produtivo das TICs.

Diante do exposto, acreditamos que uma proposta crítica de leitura e interação com as TICs na formação de professores deva estar ligada a uma teoria crítica da sociedade e nesse sentido, o pensamento de Jürgen Habermas tem contribuído para pensar a educação dos futuros professores no âmbito das TICs, sendo a mídia-educação nosso plano de superação de experiências instrumentais e esvaziadas de crítica e de criatividade.

Por fim, é importante destacar que nossas reflexões sobre as TICs a partir de Habermas são apenas introdutórias, sendo necessário aprofundá-las, buscando estabelecer novas contribuições ao campo da educação, especialmente a formação de professores que tem sido nosso foco de estudo, visando proporcionar uma formação mais reflexiva, crítica e colaborativa do professorado no âmbito permeado pelas diferentes TICs, superando a mera reprodução de currículos baseados no paradigma da racionalidade técnica e na mera

transmissão de saberes e fazeres instrumentais, buscando currículos e práticas pedagógicas dialógicos e críticos.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Lucia Maria de Carvalho. **Razão Comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

ARAÚJO, Rafael. Crítica e Sociedade. P. 52-61. In **Revista de Ciências Sociais**. Sala dos Professores. 2012.

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura em Habermas**. 3ª edição, 2001. Unijui. Ijuí

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. Educação dos sentidos: a mediação tecnológica e os efeitos da estetização da realidade. P. 115-128. In: PUCCI, Bruno. *et al* (Orgs.). **Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento. Metodologia científica no caminho de Habermas**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

_____. Mídia-Educação no currículo e na formação inicial de professores. Páginas 57 – 92. In: FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. (Orgs.). **Cultura Digital e escola. Pesquisa e Formação de Professores**. São Paulo: Papyrus, 2012.

FREITAG, Barbara. Jürgen Habermas fala a Tempo Brasileiro/Entrevista por Barbara Freitag. Páginas 5 – 21. In: **Revista Tempo Brasileiro**. 2ª Edição. Jürgen Habermas: 60 anos. n. 98, jul-set, 1989. 2ª edição.

_____. Habermas x Sloterdijk: uma controvérsia. Páginas 13 – 26. In: Revista Tempo Brasileiro. Jürgen Habermas – 80 anos. n. 181-182, abr-set, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como ideologia**. 3ª edição. Lisboa: Edições 70. Reimpressão, 2011.

_____. Teoria do Agir Comunicativo 1. Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: WMFMartins Fontes Ltda. 2012.

LOUREIRO, Isabel. Breves notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à tecnologia. P. 19-34. In: PUCCI, Bruno. *et al* (Orgs.). **Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.

PUCCI, Bruno. *et al* (Orgs.). **Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.

Os Pensadores. Textos escolhidos. Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. 2ª edição. São Paulo: Abril cultural, 1983.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. **Jürgen Habermas. Razão comunicativa e emancipação**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.